

DOUTOR! QUE FAZ EM CORDEL?

ROBERTO EMERSON CÂMARA BENJAMIN

Prof. Adjunto do Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE.

Considerações sobre a presença de poetas-não-populares entre os autores da literatura de cordel, estabelecendo uma distinção entre o que chama de *poetas-doutores* isto é, de portadores de folclore que realizaram estudos regulares chegando a obter título universitário, dos *doutores-poetas* isto é, de pessoas de classes superiores, que dominando as técnicas da poesia popular chegam a se expressar na linguagem popular. A seguir, discute as prováveis motivações destes últimos. Ao final discute critérios possíveis para verificar a autenticidade de folhetos populares.

Sob o título *Doutor! Que faz em Cordel?* o poeta pernambucano, hoje radicado em São Paulo, JOTA BARROS levantou em um folheto popular, o problema da presença de poetas-não-populares entre os produtores da literatura de cordel. O folheto é uma diatribe contra a presença dos "doutores" na produção da literatura de cordel e uma denúncia do que o poeta considera como concorrência desleal. Logo na primeira estrofe fica clara a razão do descontentamento de Jota Barros:

"Apareceu jornalistas
E até advogados
Estragando os recados
Dos poetas repentistas
Que antes eram artistas
Tratados por menestrel
Hoje um tal bacharel
Quer lhe atrazar o pão
Doutor é poluição
Nos livretos de cordel"¹

Embora resultante de um problema pessoal com o poeta MAXADO NORDESTINO², que pôs a carapuça e respondeu também em cordel (Doutor Faz em Cordel o Que Cordel Fez em Doutor) a verdade é que a presença de poetas não populares produzindo literatura de cordel é um fenômeno mais abrangente.

Em simpósio sobre literatura popular realizado em 1977 e posteriormente em artigo de 1980, o escritor VERÍSSIMO DE MELO³ levantou o problema da autenticidade de poemas, que sob a forma de cordel, produzidos por poetas-não-populares, começavam a ser incluídos no corpus da literatura popular em verso. VERÍSSIMO DE MELO alertava para o risco de erro em estudos que venham a ser realizados no futuro sobre o assunto. Na verdade, tais erros já começam a ocorrer, como por exemplo, com a inclusão do poema popular e tradicional "Matuto que vendia fumo", como folheto de difusão de inovações, de natureza institucional, em dissertação de mestrado, defendida em Brasília e publicada em livro.

Temos, em artigos anteriores sobre literatura de cordel abordando a produção de folhetos por poetas-não-populares⁴, quando tratamos de outros aspectos deste veículo da comunicação popular.

A literatura popular é obviamente a expressão da cultura do povo, tendo aspecto próprio, linguagem de uso local cânones tradicionais que ordinariamente escapam, apesar de todos os esforços, aos autores de fora dos meios populares. Certa ocasião, em conversa sobre a autoria de folhetos publicados anonimamente, DILA DE CARUARU⁵ observou que a identificação era fácil, pois segundo ele "cada poeta tem o seu sotaque" assim conhecendo-se outras obras dos poetas é possível fazer a restituição da autoria. Aliás, não é outro o pensamento dos pesquisadores que utilizam técnicas de análise literária no trabalho de restituição de autoria.

A presença dos "doutores" na literatura de cordel apresenta porém duas diferentes situações: os poetas-doutores, isto é portadores da cultura popular que versejavam e vem a obter graus universitários; e os doutores-poetas, isto é, pessoas portadoras de um saber não-popular ou de diplomas de estudos superiores que resolvem se dedicar a poesia, escolhendo como veículo o folheto popular.

OS POETAS-DOUTORES

Em alguns ambientes ditos cultos, há a crença de que os poetas-populares são em geral analfabetos e tem uma condição de vida miserável. É evidentemente uma generalização sem fundamento.

Um velho conceito de Folclore incluía a transmissão oral e a condição de ágrafos (um eufemismo para analfabeto) para caracterização do fato folclórico e do portador da cultura folk. Foi aliás essa condição que dificultou a aceitação dos estudos da literatura popular escrita e impressa como parte dos estudos folclóricos.

Tais idéias e conceitos voltam a ser veiculados, agora em uma revista oficial e sabidamente usada como fonte de pesquisa, por escolares. INTERIOR, a revista do Ministério do Interior, em número de 1981 publica como "... o poeta, geralmente analfabeto, estrutura o enredo..." "O editor... único elemento do processo necessariamente alfabetizado..." "Raro o romancista que sabe escrever", em artigo sobre a literatura de cordel.

O Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, editado pela FENAME, órgão do Ministério da Educação e Cultura, de autoria do gramático FRANCISCO SILVEIRA BUENO definiu a literatura de cordel como "... de pouco ou nenhum valor literário..." não sem protestos dos poetas populares.

Temos encontrado tanto poetas que publicam folhetos com uma grafia fonética, por serem semi-analfabetizados como Olegário Fernandes, que vive em Caruaru, como muitos outros que escrevem com pleno domínio da língua e da ortografia oficial e ainda se dão ao luxo de corrigir os companheiros e até autores considerados eruditos.

Houve poetas que nasceram e viveram na mais completa pobreza da condição de camponeses — embora entre seus iguais gozassem de um status especial conferido pela condição de poetas. Outros porém ou vieram de famílias de melhor condição social, embora populares, ou ascenderam e chegaram a condição de comerciantes remediados, vindo a incorporar inclusive a problemática de sua nova condição à produção literária. Bastaria lembrar Leandro Gomes de Barros, Chagas Batista e João Martins de

Athayde, que nunca deixaram de ser fiéis as suas origens populares, mas ao mesmo tempo refletiram as preocupações de uma classe média urbana em formação e os problemas da cidade.

A poesia de Leandro Gomes de Barros, por exemplo está cheia de críticas a política e a economia, de sentimentos anti-feministas e da aversão a figura da sogra típicos da literatura boêmia, da baixa classe média do começo do século.

Hoje a obtenção de um grau universitário por um poeta popular não é dificuldade que mereça elogios em versos, como ocorreu nos tempos de ROGACIANO LEITE.⁸

Dada a proliferação das escolas de nível superior, nos últimos anos, tornou-se fácil a obtenção de um título universitário. Hoje há mais de 10 poetas conhecidos que já são “doutores”.

Respondendo a Jota Barros, o poeta Maxado Nordestino em “O Doutor Faz em Cordel o Que Cordel Fez em Doutor” diz a respeito das formaturas dos poetas populares:

“Se são ou serão doutores
É pela oportunidade
Porque antes não se tinha
Tantas quantas faculdades
Pois o Brasil foi colônia
Que luta por liberdade.”⁹

OS DOUTORES-POETAS

A outra situação é a dos “doutores-poetas”.

O fenômeno é mais antigo do que se poderia supor e muito variada é a motivação dos doutores, para se dedicar a produção de versos ao estilo dos poetas populares.

O poeta que assinava Marcus Franco Tranquilo nos folhetos de época referentes as salvações cearenses (1911-12) “Levante ó Multidão” e “A Bernarda do Ceará”, provavelmente não era um poeta-popular, como observou RUTH TERRA — “pelo uso da segunda pessoa, de verbos pronominais e pelo vocabulário, faz pensar em um poeta-não-popular”¹⁰ ressaltando porém a hipótese de que o pseudônimo houvesse sido utilizado por mais de uma pessoa, inclusive, poeta-popular, uma vez que os textos tem estilos diferentes.

Também não seria um poeta-popular quem se ocultou sob o nome de João da Cruz e escreveu o folheto com título em latim "Facit Indignatio Verso — A Indignação faz Nascer o Verso" publicado em Assu, interior do Rio Grande do Norte, em 1935. Com conhecimentos em latim, haveria em Assu na década de 30 o Virgário, algum bacharel em Direito ou algum ex-seminarista, talvez o Juiz e o Promotor.

O intelectual paraibano Alfredo Pessoa de Lima, advogado de grande sucesso nos júris por sua admirada oratória e depois magistrado, escreveu para a editora de João Martins de Athayde, em seus tempos de estudante de direito no Recife, os romances "O Neto de Cancão de Fogo" e "Iracema a Virgem dos Lábios de Mel".

Hoje são incontáveis os profissionais de nível superior que se dedicam a escrever versos ao modo dos poetas-populares. Há advogados, veterinários, zootecnistas, agrônomos, padres, freiras e até um bispo escrevendo literatura de cordel. Em nossa Universidade há pelo menos dois professores. . .

A primeira motivação para essa produção é o reconhecimento do folheto popular como um veículo eficiente de comunicação, especialmente para atingir as populações rurais e as camadas populares urbanas. Esta a motivação dos folhetos de natureza política e dos folhetos usados em extensão rural, que as vezes têm sido produzidos por poetas-populares sob encomenda dos interessados.¹⁰ Vale ressaltar porém que a opção pela literatura de cordel, a nível institucional, representa às vezes, a busca do "exótico nordestino", o que se evidencia através da distribuição dos folhetos em meios não-populares.

No caso dos folhetos políticos, às vezes por paixão, como ocorreu com FRANCISCO JULIÃO¹¹ às vezes por conveniência, isto é, quando a encomenda constitui um risco adicional para os que se ocultam no anonimato para denegrir a honra dos adversários, os próprios políticos interessados compõem os versos.

A fim de atender o interesse de órgãos públicos e instituições particulares em usar o cordel como veículo de comunicação, profissionais de vários setores se propõem a escrever poemas, em substituição a poetas que seriam contratados para produzir sob encomenda. A decisão de utilizar "pessoas da casa" ao invés de poetas-populares se deve ao desejo que o folheto corresponda exatamente aos objetivos do comunicador institucional. Nestes

casos, ordinariamente, ocorre uma maior fidelidade aos interesses e intenções institucionais e um descuido em relação as características que determinaram a escolha do folheto como veículo comunicacional.

Outra motivação é a necessidade de expressão em si mesma. O cordel surge como um canal alternativo para poetas que não conseguiram consagrar-se na poesia erudita. É aí que se podem encontrar poetas que produzem cordel e pretendam ocupar o espaço dos poetas-populares, fazendo vender os seus versos no mesmo padrão e lugar dos poetas-populares. Mas, há outros, cuja produção não ultrapassa o seu próprio ambiente, sendo lida e distribuída entre familiares e no círculo das amizades mais próximas, com a impressão paga pelos parentes orgulhosos da produção poética do "gênio da família" ou ainda em outros casos, circulando como "veículos alternativos", "undergrounds" etc.

No conjunto da produção dos "doutores-poetas" sente-se a influência da chamada "poesia matuta" de que Zé da Luz e Catulo da Paixão Cearense foram os maiores expoentes. O poeta matuto como afirmam ÁTILA ALMEIDA e JOSÉ ALVES SOBRINHO: "“erra de propósito, falsifica a linguagem e a psicologia do homem ignorante do campo, sem instrução é verdade, mas sem nenhuma vocação para representar o papel caricatural e ridículo que lhe é atribuído”. "...O caipira de poesia matuta é um ser irreal, totalmente ausente da realidade rural brasileira de qualquer quadrante. Nenhum homem do campo por mais ignorante e simplório que seja fala como escrevem os poetas matutos. Ao estropiar a linguagem essa categoria de poetas se distancia léguas do poeta popular"” Apesar de tudo, a poesia matuta que soa falsa mesmo aos desavisados, continua a exercer um fascínio até para as novas gerações, tanto de leitores, ouvintes como de produtores e recitadores.

CRITÉRIOS PARA VERIFICAR A AUTENTICIDADE DE FOLHETOS POPULARES

Após analisar cerca de cem folhetos de encomenda (de criação originalmente não-popular, embora compostos por poetas-populares) e obras de autores não-populares editados como literatura de cordel, consideramos poder propor os seguintes critérios para colocar sob suspeita a autenticidade de folhetos apresentados como populares:

a) apresentação em formato não-convencional

O folheto popular é apresentado em formas convencionais, já descritos por inúmeros pesquisadores. Mesmo variando ligeiramente de gráfica para gráfica artesanal, ou de gráficas artesanais para gráficas industriais que se dedicam ou dedicaram a edição de folhetos, mantêm padrões conhecidos.

b) edições em gráficas do serviço público ou grandes editoras

c) menção ao número de exemplares da edição

Ordinariamente os folhetos não trazem indicação do número de exemplares impressos, embora haja casos em que eles trazem numeração. A informação dos quantitativos de edições circulam na intimidade, porém ao poeta profissional não interessa a divulgação generalizada destes indicadores, que são também o do seu ganho. Enquanto isso, alguns órgãos indicam a quantidade de folhetos impressos, de divulgação de serviços, como forma de justificação do uso do veículo, ou de eficiência. Em um dos folhetos da campanha de ampliação da área cultivada de algodão havia a indicação de: 150 mil folhetos impressos. Número superior ao de qualquer edição de jornal da região nordeste.

d) menção ao órgão patrocinador, que aparece algumas vezes como editor.

No folheto "A luta do povo contra o cachorro doido" lê-se na contra-capa "Colaboração da Universidade Federal Rural de Pernambuco".

e) menção de títulos acadêmicos e profissionais do autor

No folheto "A estória do algodão melhorando a região" figura como autor o "Eng.º Agrônomo Benon Barreto". Enquanto nos "Estranhos Sermões de Antonio Vieira" aparece "Dom José Brandão de Castro" na capa e na folha de rosto "Dom José Brandão de Castro, Bispo de Propriá".

Já os poetas-populares publicam simplesmente o nome ou pseudônimo acrescido de um epíteto como: Poeta-Repórter, Poeta-Apóstolo, etc.

f) presença de folhas de rosto, introduções, apresentações, prefácios, posfácios, glossário, biografia dos autores, etc.

No folheto citado, de Dom José, há um glossário. No fo-

lheto "De Sertânia a Caxixola" há um informe biográfico dos autores (estudantes universitários) e na contra-capla um comentário do pesquisador Ezio Rafael. Em diversos folhetos editados pela VOZES foram publicados pareceres de bispos, ao antigo modo dos Nihil Obstat necessários às publicações católicas oficiais.

g) autoria sob pseudônimo que pretenda indicar a condição de homem do interior, tais como matuto, sertanejo etc.

Zé da Roa aparece como autor do folheto Carta aos Camponeses do Brasil, publicado em 1961, que divulga as Ligas Camponesas e elogia Francisco Julião. Severino Sartanejo é o pseudônimo usado pelo professor paraibano Luiz Nunes Alves em diversos folhetos.

h) correção ortográfica no texto e erros crassos nos diálogos onde fala o camponês.

Esta é uma característica constante dos seguidores da poesia matuta. Nos folhetos populares, quando há erros, eles estão espalhados por todo o texto.

i) errata

Dado o caráter efêmero do folheto popular, não é costume a colocação de erratas. Os poetas mais cuidadosos fazem pessoalmente a revisão das provas, antes da impressão; outros não se dão ao trabalho de procurar erros tipográficos, especialmente quando há pressa no lançamento dos folhetos de época. Às vezes corrigem-se os erros da composição tipográfica para uma segunda tiragem. No mencionado folheto de Francisco Julião há uma errata.

j) distribuição gratuita ou venda de forma não convencional.

O folheto popular obra de profissional é sempre vendido. A distribuição gratuita ou a venda de forma não convencional induz a presença do patrocinador, da encomenda, ou do caráter amadorístico da publicação. Também não é usual a ocorrência de cerimônias de lançamento ou noites de autógrafos, quando os poetas populares estão se dirigindo ao seu público.

O mencionado folheto de Benon Barreto tem a observação "distribuição gratuita em todo o nordeste". E recentemente uma dama da sociedade pernambucana realizou uma noite de autó-

grafos na Fortaleza das Cinco Pontas, para lançamento do seu primeiro folheto de cordel.

A determinação segura da autenticidade e a restituição de autoria dos folhetos anônimos ou sob pseudônimo somente poderá ser feita com a identificação da pessoa do autor, ou através de técnicas de pesquisa de análise do texto.

RESUMÉ

Considerations sur l'existence de poètes non populaires parmi des auteurs de la littérature de cordel et établi, au même temps, une distinction entre ce qu'il appelle des *poètes-docteurs*, c'est-à-dire ceux qui obtiennent des titres de docteur à travers d'étude universitaire, régulier, et les *docteurs-poètes* qui, malgré ses origines des classes sociales es plus élevés s'experiment dans un langage populaire. Ensuite l'auteur discute les motivations qui mènent ces docteurs-poètes a s'exprimer dans un langage populaire et aussi des critères possibles pour vérifier l'autenticité des feuillets populaires.

NOTAS E REFERÊNCIAS

- 1 — JOTA BARROS — João Antonio de Barros, nasceu em Glória do Góitá, Pernambuco, filho de sítiantes, em 1935. Xilógrafo, cantador e poeta de bancada. O seu primeiro folheto foi "A Peleja de Otília Soares com João de Barros", escrito em 1957. Exerceu a profissão de marceneiro, em Recife, sem, contudo, abandonar a poesia. Em 1973, transferiu-se para São Paulo, começando a viver da venda de folhetos em locais frequentados por nordestinos. Foi vítima da fiscalização contra o comércio não regular. Obteve autorização para vender xilogravuras e folhetos na Feira de Arte da Praça da República aos domingos. Tem mais de 20 títulos diferentes publicados, entre os quais "Lampião e Maria Bonita Tentados por Satanás no Paraíso" e "O Nordeste em São Paulo". Jota Barros acusa Maxado Nordesteño de reescrever seus poemas de maior vendagem e de obter facilidades para apresentações nas faculdades e galerias devido a sua condição de formado.
- 2 — MAXADO NORDESTINO — Franklim de Cerqueira Machado, de uma família de classe média, filho de dentista e professor, nasceu em 1943 em Feira de Santana, Bahia. É bacharel em Jornalismo e em Direito, tendo exercido ambas as profissões em seu estado de origem. Migrou como jornalista para São Paulo em 1972, passando a dedicar-se ao cordel em 1975. Entre os seus folhetos contam-se "Horóscopo das Bichas", "Diário de um Crioulo Doido" e "Um Nordesteño no Sul". Tem mais de 40 diferentes títulos publicados, sendo também xilógrafo. Vende folhetos e xilogravuras em sua loja, numa galera do centro de São Paulo (Rua Augusta). Publicou pela editora CODECRI os livros "O que é literatura de Cordel" e "Cordel, Xilogravura e Ilustrações".

- 3 — MELO, Veríssimo de. Literatura de cordel: Problemas e sugestões. *Revista Tempo Universitário*, Natal, 6(1):223-39, 1980.
- 4 — BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação e difusão de inovações. *CADERNOS UNICAP. Série Ciências Sociais*, Recife, (4):56-63, 1984.
- *Tendências atuais da literatura de cordel no Nordeste. Contribuição a sessão Literatura de Cordel*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1981. 12 p.
- 5 — DILA DE CARUARU — Pseudônimo do poeta e xilógrafo José Soares da Silva, que também assina José Cavalcanti e Ferreira. Tem mais de 15 diferentes títulos de folhetos publicados, quase todos sobre cangaço.
- 6 — SERTÃO só se informa bem quando o cordel aparece. *Interior*, Brasília, 7(38):38, maio/jun. 1981.
- 7 — BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro, MEC/Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), 1982. p. 665.
- 8 — ROGACIANO LEITE — Nasceu em 1921, em São José do Egito, Pernambuco. Foi poeta desde menino. Fez-se jornalista e doutor, acolheu nos círculos literários do Recife e Rio de Janeiro. Foi um dos organizadores do I Congresso de Cantadores, realizado no Recife.
- 9 — TERRA, Ruth. *Memória de lutas: Literatura de folhetos do Nordeste 1893-1930*. São Paulo, Globo Ed., 1983. p. 158.
- 10 — Desde a nossa comunicação ao I Congresso Brasileiro de Informação Rural, realizado em Brasília, 1980, vimos tratando em comunicações do uso dos veículos populares da comunicação para difusão de inovações.
- 11 — FRANCISCO JULIANO — Advogado, líder de trabalhadores rurais, fundador das Ligas Camponesas, deputado, um dos fundadores do Partido Democrático Trabalhista (PDT) é autor do folheto "Venha pra Cá meu Irmão. PDT Partido Democrático Trabalhista". Na contra capa se lê: Errata:

Na página 2 onde se lê:

Desse céu que nos ainda cobre

Leia-se:

Desse céu que ainda nos cobre

- 12 — ALMEIDA, Atila & ALES SOBRINHO, José. *Dicionário bio-bibliográfico de repentista e poetas de bancada*. João Pessoa, Imprensa Universitária, Universidade Federal da Paraíba, 1978. v. 1, p. 150.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Atila & ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário bio-bibliográfico de repentista e poetas de bancada*. João Pessoa, Imprensa Universitária, Universidade Federal da Paraíba, 1978. v. 1.

- BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação e difusão de inovações. *Cadernos UNICAP. Série Ciências Sociais, Recife*, (4):56-63, 1984.
- . *Tendências atuais da literatura de cordel no Nordeste. Contribuição a sessão Literatura de Cordel*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1981. 12 p.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro, MEC/Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), 1982. 1263 p.
- MACHADO, Franklm. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro, CODECRI, 1980. 143 p.
- . *Cordel, xilogravura e ilustrações*. Rio de Janeiro, CODECRI, 1982. 90 p.
- MELO, Veríssimo de. Literatura de cordel: Problemas e sugestões. *Revista Tempo Universitário*, Natal, 6(1):223-39, 1980.
- TERRA, Ruth. *Memória de lutas: Literatura de folhetos do Nordeste 1893-1930* São Paulo, Globo Ed., 1983. 190 p.
- SERTÃO só se informa bem quando o cordel aparece. *Interior*, Brasília, 7(38): 36-44, maio/jun. 1981.

Recebido para publicação em 03 de maio de 1985.